



1726 - Pôster - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 22 - Educação Especial

ESCOLAS DE SURDOS DO RIO GRANDE DO SUL: A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS COMO PRÁTICA NORMALIZADORA

Júlia Jost Beras - UFSM - Universidade Federal de Santa Maria
Natalia de Oliveira -
Laisa de Castro Almeida - UFSM - Universidade Federal de Santa Maria
Cleidi Lovatto Pires - OUTRAS
Marcia Lise Lunardi-Lazzarin - UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

O presente texto refere-se a um recorte de uma pesquisa empreendida por um grupo interinstitucional de pesquisa em educação de surdos desenvolvido em uma universidade pública federal do Estado do Rio Grande do Sul, e que tem como objetivo geral analisar a circulação e o consumo de artefatos culturais em contextos da educação bilíngue para surdos, nos espaços da educação básica. Para realizar a escrita deste texto, nos ocupamos de olhar para a materialidade coletada através da pesquisa guarda-chuva, ou seja, entrevistas semi-estruturadas e elencamos uma pergunta do roteiro de entrevista a ser analisada em três das escolas de surdos pesquisadas. Como o contato dos surdos com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) emergiu com frequência nas respostas analisadas, utilizamo-nos das práticas de normalização como conceito-ferramenta operante nos discursos dos surdos a respeito da língua como comunicação entre alunos e professores e alunos e seus pares, tanto surdo-ouvinte como surdo-surdo.

Palavras-chave: Surdos, Libras, Normalização.

ESCOLAS DE SURDOS DO RIO GRANDE DO SUL: A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS COMO PRÁTICA NORMALIZADORA

O texto a seguir refere-se a um recorte do projeto desenvolvido a partir dos estudos do grupo de pesquisa localizado em uma universidade pública federal do estado do Rio Grande do Sul que compõe uma parte de um grupo interinstitucional de pesquisa em educação de surdos com outras duas universidades públicas federais do mesmo estado. A partir de nossa leitura fizemos um recorte da pesquisa guarda-chuva que foi realizada pelas três universidades mencionadas acima, no que se refere aos currículos e as práticas pedagógicas que ocorrem nos espaços específicos de educação de surdos.

O projeto de pesquisa referido acima o qual é objeto de estudo para este artigo teve como objetivo geral: Analisar a circulação e o consumo de artefatos culturais em contextos da educação bilíngue para surdos, nos espaços da educação básica. A partir disso, os objetivos específicos da pesquisa são: (a) Problematicar as propostas de políticas educacionais do Ministério da Educação com ênfase na educação escolar bilíngue para surdos; (b) Analisar e entender as formas de apropriação da cultura surda no currículo escolar em escolas de educação básica; (c) Investigar a circulação e consumo de artefatos culturais da cultura surda, em práticas educacionais; (d) Identificar e analisar a produção, circulação e consumo de materiais literários utilizados em propostas pedagógicas, na educação escolar bilíngue.

Para a implementação da pesquisa o grupo realizou o levantamento em três escolas de referência em educação de surdos do RS, foram feitas visitas e entrevistas aos professores e alunos dessas escolas, assim como a análise do Projetos Político Pedagógicos (PPP) e Regimentos Escolares dessas instituições. Subsequentemente, esse processo resultou em um relatório de conclusão da pesquisa no ano de 2018.

Tendo em vista este cenário, estudamos as análises do relatório da pesquisa mencionada, mais especificamente no que tange as entrevistas realizadas com professores surdos e ouvintes, bem como alunos surdos dessas instituições, tensionando a educação de surdos voltada também como prática de normalização dos sujeitos.

Tomamos como conceito de normalização, a caracterização que faz Lopes e Fabrís (2013, p. 42-43)

A norma disciplinar é constituída a partir de um normal universal. Isso significa que primeiro se define a norma e depois se identificam os sujeitos, sempre de forma dicotômica ou polarizada, como normais e anormais, incluídos e excluídos, sadios e doentes, deficientes e não deficientes, aprendentes e não aprendentes, ricos e pobres, brancos e negros, etc.

Tal conceito é importante para pensarmos que, em se tratando da escola e da educação de surdos podemos pensar não somente as práticas de normalização que se impõem através da língua entre ouvinte-surdo, como também nas relações surdo-surdo.

Tal conceito tem relação com a língua como um laço de irmandade, onde o surdo se reconhece a partir da convivência com o outro surdo que predispõe da mesma língua, o que configura um elemento aglutinador e por conseguinte, um dispositivo de normalização. Segundo Souza (2014, p. 139-140)

Segundo os dicionários, "irmandade" significa "laço de parentesco entre irmãos". À língua portuguesa caberia ser esse "laço", isto é, o elemento de concepção de irmãos para além das diferenças e das desigualdades existentes entre eles. Para que ela se efetivasse como "laço", para que pudesse ser o elemento formador da identidade do jovem povo da colônia, esse povo deveria ser educado em uma mesma língua(gem): em português.

Nesta esteira, podemos pensar que a partir das regras impostas pela língua, pelos seus conceitos sistemáticos e pela expressão de ideias que aproxima os sujeitos na arte de se comunicar, a norma opera na conduta dos sujeitos, que participam com intensidade das práticas de normalização.

As normas de linguagem, em uma sociedade normalizadora, como são as ocidentais a partir dos séculos XVII e XVIII, não apenas criam o efeito da existência de um povo, mas se prestam, também, a oferecer os recursos a partir dos quais elementos

desiguais, como unidades metrológicas, especificações de produtos e de seus atributos, descrições de técnicas e operações, podem entrar em um jogo de solidariedades e entrecruzamentos. (SOUZA, 2014, p.140)

Seguindo a autora, a língua a qual o sujeito é submetido articula as relações do individual com o coletivo, criando-se assim tempos e espaços de comportamentos, culturas e artefatos que entrecruzam sujeitos participantes de uma norma, um jeito de ser no mundo. Relacionando as questões da língua como dispositivo normalizador e a pesquisa por ora já mencionada nesse artigo, pensamos especificamente o uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) nas escolas de surdos pesquisadas.

Questão de normalização, homogeneidade de línguas, a percepção do outro como aquele que representa a diferença. O que é diferença? Qual o caminho percorrido entre diferença e identidade? São corpos homogêneos que participam de aprendizagens outras, mas que envolvem-se e conversam através da língua. Onde acontece essa conversa? Quem são os partícipes dessa conversa e em que língua eles falam? "Em síntese: parece que o que existe no interior da palavra 'diferença' é um conjunto sempre indeterminado, sempre impreciso, de sujeitos definidos como diferentes". (SKLIAR, 2014, p. 207)

As ideias acima com base nos autores citados potencializam a discussão teórico-metodológica ora apresentada bem como impulsiona o olhar para a diferença, para a língua e para a cultura surda.

A partir dessa esteira sistematizamos o presente texto e como fins metodológicos nos debruçamos a analisar respostas oriundas do roteiro de entrevista semi-estruturada aplicadas a estudantes de três escolas de surdos do estado do Rio Grande do Sul. Os locais de pesquisa foram nomeados como escola A escola B e escola C com a finalidade de preservar o anonimato dos locais de pesquisa.

Nesse sentido, analisamos as respostas dos estudantes surdos referentes a uma pergunta específica do roteiro utilizado nas entrevistas da pesquisa guarda-chuva qual seja: **Como você se comunica nesta escola e com quem você mais se comunica?**

Assim, segue a sistematização das respostas aplicadas aos trinta estudantes surdos. As análises das respostas recorrentes dos estudantes frente ao questionamento já anunciado, mostram-nos elementos referentes a Libras, e como esta opera em seu meio social, de acordo com a organização no quadro abaixo:

Quadro 1 - Análises das respostas de estudantes entrevistados

Sistematização das respostas dos estudantes surdos entrevistados	Escola A	Escola B	Escola C
Por meio da Libras, com surdos porque a comunicação é mais fácil	6	8	7
Comunica-se em Libras, mas com ouvintes oraliza e/ou necessita de intérprete	3	2	3
Comunica-se melhor com o professor surdo com forte liderança na comunidade surda	1	0	0

Fonte: Quadro confeccionado pelas autoras

Ao analisar a tabela acima percebemos o discurso sobre a Libras fortemente pautado nas relações entre surdo-surdo. Para argumentar o que tomamos como discurso e como este opera nas relações dos sujeitos com a língua, apoiamos-nos em Foucault:

Em suma, pode-se supor que há, muito regularmente nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que "se dizem" no decorrer dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além da sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer. (FOUCAULT, 2014, p.21)

Os discursos que fortalecem a língua como dispositivo normalizador operam de forma emblemática nos sujeitos que fazem uso desta. A maioria dos estudantes surdos entrevistados refere-se a Libras como a língua de comunicação, de aprendizagem e de interação com amigos, colegas e professores. O discurso sobre a Libras é intermitente e também inquestionável na reivindicação dos surdos pela escola de surdos com a língua regulamentada, de direito, a Libras.

Portanto, podemos perceber, a partir das falas dos alunos, o quanto a língua se torna essencial para a comunicação entre os pares surdos. A língua é um tipo de força ativa em qualquer cultura e sociedade, por meio dela as pessoas podem afirmar suas identidades. A comunidade surda enfatiza sobre a importância da escola de surdos, pois nela, os sujeitos utilizam a Libras como primeira língua.

Talvez pensar a língua como experiência, talvez ao sentir a língua como inapropriada e misteriosa, talvez ao querer conversar na língua dos outros, a educação comece percorrer esse árduo e sinuoso caminho da coisa em comum. Uma coisa em comum que não negue nossa confusão e nossa dispersão. Uma coisa comum que não sobreponha uma língua à outra. Uma coisa em comum que não pressuponha afogar as diferenças, nem impor ao outro o ser como nós acreditamos que somos. Somos seres monolíngues no sentido de um credo, de uma fixação, de uma potência e de uma impossibilidade." (SKLIAR, 2014, p. 219)

Para finalizar entendemos que quando os alunos dizem da sua comunicação na escola, tomando como central a Língua de Sinais, queremos potencializar o quanto é relevante falarmos a mesma língua de nossos pares, o quanto é importante entender o que o outro está querendo dizer. O quanto é significativo sentir-me pertencente e integrante de uma dada cultura e utilizando a mesma língua em que todos nessa cultura utilizam.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24ª Edição, São Paulo: Edições Loyola, 2014.

KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia L.. **Relatório Final Projeto Produções Culturais Surdas no Contexto da Educação Bilíngue**. Porto Alegre, GIPES, 2017, p. 51.

SOUZA, Regina Maria de. Educação de Surdos e questões de norma. In: LODI, Ana Cláudia B. et al. (Orgs.) **Letramento e Minorias**. 7ª Edição – Porto Alegre: Mediação, 2014. p. 139 – 146.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a Linguagem-Educar**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.